

A cultura popular como estratégia comunicacional

Filme de Geraldo Pioli conta história de uma das maiores duplas musicais do Paraná, 'Belarmino e Gabriela'

Por **Graciela Mezzon**¹



O cineasta Geraldo Pioli nasceu em Ribeirão Claro (cidade turística do Norte Pioneiro do Paraná), onde logo se tornou um frequentador do Cine Brasil, espaço de cinema local. Ironia ou situação similar já registrada por outros amantes do cinema (como é o caso de 'Cinema Paradiso'), o diretor conta que, quando criança, como não tinha

grana para assistir às exibições, aguardava o início do filme para que o proprietário da sala o deixasse entrar.

Mas foi na capital paranaense que Pioli, a partir dos 19 anos de idade, passou a ter contato com profissionais do cinema, na Cinemateca de Curitiba, onde conheceu Werner Schumann, Francisco Alves dos Santos, Altenir Silva, Nivaldo Lopes, Eloi Pires Ferreira e Paulo Frieb. “A gente não tinha recursos para fazer filmes e não havia nem lei que amparasse a produção de curtas”, lembra.

E longa metragem? Nem pensar! “A gente lutava muito para fazer filmes com o que era possível fazer... guardava um dinheirinho, vendia as jóias da companheira da época, fazia rifa de carro do pai, leilão de cavalo, os artistas plásticos nossos amigos doavam quadros para vender e pôr o dinheiro no filme... Era assim que a gente fazia filme”, recorda.

Pioli começou a colocar a ‘mão na massa’ em 1989, com o curta-metragem ‘O Candidato’, seu primeiro filme em 16 mm. Ao mesmo tempo, tentou fazer um filme com Paulo Frieb (‘Entregue à Imortalidade’), baseado na obra de Pirandello. “A gente conseguiu filmar, mas aí veio o Collor” (que, a partir de 1990, quando assumiu a presidência do País, impôs uma série de cortes de investimentos sociais, afetando diretamente o cinema), lembra. A história não é exclusiva de Pioli: por absoluta falta de condições, o projeto não foi concluído!

Dez anos depois (em 1999), o cineasta rodou, com Paulo Frieb, os filmes ‘Aldeia’ e ‘Bento Cego’. O primeiro recebeu prêmio de melhor roteiro ficção no 4º Festival de Cinema do Recife (2000), melhor filme pelo júri e pelo público no 4º Festival de Cinema e Vídeo de Curitiba (2000), melhor trabalho audiovisual pela Associação de Vídeo e Cinema do Paraná no ano de 2000, e recebeu o prêmio OCIC (Organização Católica Internacional de Cinema) no II FICA, em Goiás/2000.

¹ Jornalista, editora da *Revista URBE*, que circula aos domingos no *Jornal da Manhã*, de Ponta Grossa/PR

A partir daí, não parou mais. Pioli produziu, roteirizou, dirigiu, atuou em mais de dez filmes, incluindo 'Belarmino & Gabriela', seu primeiro longa-metragem. Em sua filmografia estão curtas como 'Templo das Musas' (2003), 'O Quarto do Universo' (2002), 'Cachorro não, Chichorro' (2002), 'O Traste' (2000), 'Devoção' (2005) e 'A Morsa' (2007).

O filme 'Belarmino e Gabriela' reproduz, assim, uma das estratégias mais comuns na produção musical da dupla que marcou os anos 1940/70 no Paraná: a cultura popular como forma de comunicação com o público.

Uma obra, tipicamente, paranaense?

O que você conhece de música paranaense? Já ouviu falar em 'Belarmino & Gabriela'? Não lembra de ter ouvido uma música... "as mocinhas da cidade"? É bem possível que algumas das referências acima não tenham a (devida) expressão publicitária que muitos amantes da cultura contemporânea possam esperar.

Lançado em outubro de 2007, 'Belarmino & Gabriela' é o primeiro longa-metragem do diretor Geraldo Pioli. O filme traz às telas a história de uma das mais conhecidas, importantes, bem-humoradas e amadas duplas da história da música do paranaense. A vida e o legado inestimável à cultura nacional de *Nhô Belarmino* e *Nhá Gabriela* foram transformados em um documentário poético musical pelas mãos, olhos e inteligência de Pioli.

A história, contada pelos próprios filhos e amigos da dupla é simples: o filme começa com um caminhão na estrada carregando um circo, depois a montagem circo. Há também os carros de som que anunciam o espetáculo e, em seguida, o público chegando ao circo onde acontece o show da dupla sensação. "No fundo, é como se fosse um show, um espetáculo, em que as pessoas chegam e eles, de uma forma ou de outra, participam".

O músico Osvaldo Rios, do grupo 'Viola Quebrada', que produziu a trilha sonora do filme, também contribuiu com a proposta de contar a história de Salvador Graciano e Júlia Alves, ou melhor, Nhô Belarmino e Nhá Gabriela. "Liguei ao Ivan Graciano [filho da dupla]. Ele é um grande músico e fez parte do filme e a direção musical do filme também. A partir da conversa com o Osvaldo e com o Ivan, fizemos o roteiro", relata Pioli.

O roteiro venceu o Prêmio Estadual de Cinema e Vídeo do Paraná. Mesmo antes de ser premiado, o roteiro já estava pronto e as pesquisas e levantamentos sobre quem poderia falar sobre Belarmino e Gabriela (*B & G*) já haviam começado. Com o resultado prêmio, no valor de R\$ 180 mil, foi dado início à pré-produção. Os depoimentos foram gravados em um camarim, como se estivessem prestes a entrar em cena. Em duas semanas, todas as entrevistas foram feitas.

Salvador Graciano e Júlia Alves se conheceram e se casaram nos anos 1940, em Curitiba, quando ele fazia um show na Rádio Guairacá e Júlia foi assistir. A partir da formação da dupla, já casados, Belarmino e Gabriela passaram a fazer sucesso – com seu jeito caipira e simples de se expressar, contando histórias ao público, seja em circos, auditórios de emissoras radiofônicas ou apresentações nas noites, nas mais diversas cidades do Paraná, onde as mais de 40 canções foram cantadas inúmeras vezes. Belarmino morreu em 1984 e Gabriela em 1996. O sucesso da dupla foi registrado entre os anos 1940 e 70.

Confira, a seguir partes de uma entrevista (parcial e reeditada) que o diretor Geraldo Pioli concedeu à jornalista Graciela Mezzon, editora da *Revista Urbe*, do *Jornal da Manhã* de Ponta Grossa/PR.

Revista Folkcom: Um pouco de sua trajetória. De que modo passou a fazer cinema?

Geraldo Pioli: Eu era muito pobre, morava no interior, e conseguia entrar num cinema, que se chamava Cine Brasil, depois que o filme começava, porque eu não tinha dinheiro para pagar e o dono esperava o filme começar para deixar quem não tinha dinheiro para pagar entrar, a criançada. Comecei vendo cinema em Ribeirão Claro, interior do Paraná, e, desde então, sou apaixonado por cinema. Quando cheguei em Curitiba, no final dos anos 1970, passei a ver mais filmes, em (maravilhosos) 'cinemas de rua', cada um com seu cheiro, com seu tipo, com sua tela, com suas cadeiras diferentes... dessa coisa pasteurizada que, hoje, são os cinemas de shopping.

Sempre fui um cinéfilo... E, no início dos anos 1980, comecei a me relacionar com pessoas que faziam curtas-metragens em Curitiba (Altenir Silva, Paulo Frieb, Eloi Pires Ferreira, Werner Schumann, Nivaldo Lopes, o 'Palito', e outros) que tentava fazer curta em 35 mm – naquela época não existia vídeo -, curtas em super 8. Aí entrei para a Cinemateca de Curitiba, que se chamava Cinemateca do Museu Guido Viaro. Enfim, minha vida com o cinema começou cedo, mas no Paraná, como no Brasil, era difícil fazer cinema. Só com o advento do vídeo que isso foi mudando e agora com o digital nem se fala.

RF: (Fazer cinema) era muito mais caro...

GP: Era muito mais caro e difícil. Claro que nada é desculpa para quem quer fazer as coisas. O problema todo é que, no Paraná, a gente nunca teve estrutura, nunca teve laboratórios, porque a demanda não permitia que alguém montasse aqui um laboratório. Então nunca teve câmera 35... tinha em São Paulo, Rio, só. Aqui você não tinha! Tudo você dependia de fora, de estúdio, de som e laboratórios ou maquinaria... Longa-metragem nem se pensava... O caso do Sylvio Back, que nasceu em Santa Catarina, mas viveu muito tempo no Paraná e teve que sair, e o Sérgio Bianchi, são exemplos. Não existiam as leis (de incentivo ou Rouanet) só a EmbraFilme, com acesso restrito. A gente fazia filmes vendendo rifas... Teve um filme ('O Candidato') que eu e o Bolinha rifamos um carro para poder concluir.

RF: E você nunca se cansou do cinema?

GP: Não! Adoro ver filmes, o problema é você entrar num ativismo, de fazer coisas... eu faço programa de rádio há 15 anos, que é sobre a América Latina [*Venas Abiertas*], trabalho na Fundação Cultural (de Curitiba) há 22 anos, e a maior parte desse período na Cinemateca. Faço outras coisas, além de filmes, para sobreviver. É aquela história (conhecida): gente metida a besta tem que sobreviver, você não pode pensar exclusivamente em fazer filmes, tem que fazer outras coisas. Na época não era possível pensar em sobreviver fazendo

filme. Hoje, talvez, seja possível, porque o filme pode custar muito mais barato e pode, de fato, ter repercussão com algum retorno.

RF: Como surgiu a idéia do filme 'Belarmino & Gabriela'?

GP: Eu tinha feito esse filme que produzimos com uma rifa de um carro ('O Candidato'). Aliás, o carro era do pai do Bolinha (um Galaxy ou Maverick, esses carrões enormes da época)! E a gente fez esse filme que chama 'O Candidato'. Lá no filme 'O Candidato' tem um personagem principal, que liga o rádio uma hora e toca 'As mocinhas da cidade'. O seu Salvador, o Belarmino, já tinha morrido, a gente falou com a dona Júlia e ela autorizou a botar a música ("Mocinhas da cidade") no filme. Até aí, eu desconhecia a obra de Belarmino e Gabriela. Conhecia algumas outras músicas como 'Paranaguá' e 'Mocinhas do Sertão'. Mas como a maioria da minha geração, conhecia pouco de Belarmino e Gabriela.

Daí o desafio: alguém precisa fazer um filme sobre Belarmino e Gabriela! E só havia um pequeno livro, tipo caderno, que a Fundação fez sobre Belarmino e Gabriela. Eu estava com o Oswaldo Rios, do 'Viola Quebrada', falando de um filme sobre 'Cascatinha e Ana', trouxemos inclusive o filho do Cascatinha, (fizemos contrato) e pode ser que a gente faça esse filme. Mas a gente queria fazer meio ficção, que demora para captar... Daí a idéia de fazer um filme sobre Belarmino e Gabriela'. Eu conhecia o Ivan [filho de Belarmino e Gabriela] de ver tocar. Liguei e o Ivan gostou da idéia.

Fiz o roteiro em parceria com o Altenir Silva. E vencemos o Prêmio Estadual de Cinema e Vídeo, de 2005. Foi o primeiro da lista dos telefilmes. A gente manteve o original, onde o pano de fundo do filme seria um circo que foi o começo da vida deles, embora eles cantassem muito em rádio. O rádio tem uma importância fundamental na vida de Belarmino e era um rádio de auditório, dos anos 1940/50, que estava sempre lotado. O circo é muito mágico, por isso queria botar no centro. Foi assim que fizemos Belarmino e Gabriela.

RF: Quanto tempo foi da idéia inicial à conclusão do filme?

GP: Em torno de um ano e meio, porque você tem a idéia, faz o roteiro e manda para aí aprovar. Enquanto isso, fiz uma pesquisa mais apurada, comecei as entrevistas, mesmo sem ter nenhum dinheiro, porque as pessoas que estão mais velhas a tendência é nos deixar mais cedo, antes da gente, pelo menos [...] Foram dois ou três meses de pesquisa, e pelo menos cinco semanas para rodar. Montei um camarim de circo, na casa do Ivan, daí transportei o camarim para o circo. O camarim que a gente vê no circo é o mesmo montado na casa do Ivan.

Montei na casa do Ivan porque ele tem embaixo tipo de um estúdio, que era a BG, gravadora que ele tem e estava meio desativada, com espaço grande. Mas eu queria (também) usar a roupa do B & G, a sanfona, o violão, e todos objetos deles. Queria me cercar da 'energia' de Belarmino e Gabriela. Então, tudo que você vê nas entrevistas são objetos, coisas, de B & G. E a roupa que o Rui e a Soraia usam são exatamente a roupa do Belarmino e da Gabriela.

RF: Isso também cria uma outra 'aura' ao filme...

GP: Exatamente. Eu não acredito em Deus, mas acredito muito na energia. Tem sempre uma energia por aí. A gente é pura energia. Se você se cerca das energias que você quer passar, elas te ajudam de alguma forma. E está ali, tudo ali. O filme tem muito da energia do Belarmino e Gabriela. Talvez, por isso as pessoas têm gostado tanto, têm se emocionado (com o filme), porque tem essa coisa do Belarmino e Gabriela. E eu começo o filme com a frase do Leon Broa, escritor francês (“o princípio da sabedoria é a simplicidade da intenção”), exatamente por isso. *B & G* eram muito simples, mas nessa simplicidade construíram uma arte nobre e muito rica. Isso encantava e emocionava as pessoas, por isso eles (*B&G*) eram considerados os ‘salva circos’.

RF: Qual a sua avaliação sobre a repercussão do filme?

GP: Ele teve uma repercussão muito boa no Estado. É um filme regional, mas teve uma repercussão grande, passou em vários cinemas, um público muito legal, ficou em cartaz em cinemas mais de um mês, coisa que é bem raro hoje em dia. E tem vendido muito como DVD. Óbvio que, sem a estrutura de uma grande distribuidora, é difícil distribuir filme no Brasil. Você fica muito restrito às pernas, o que é possível você fazer com o filme. Mas o filme teve uma boa repercussão e aceitação. E o filme é sempre muito duradouro, quer dizer, a gente faz ele e ele vai tendo a sua carreira. As pessoas hoje, com o DVD, têm acesso permanente ao produto (...)

RF: E seus próximos projetos?

GP: Tenho alguns projetos de longa em ficção para viabilizar. Um deles chama se ‘Panos Quentes’, com roteiro do Alternir Silva. Tem um filme que estou fazendo que se chama ‘Um homem e três casas’, sobre o Leonildo Pereira, da família Pereira, que são do fandango. O Leonildo é um mestre do fandango, uma figura incrível que a gente tem no Paraná, mora em Guaraqueçaba (litoral norte do Estado) (...).